



|| NACIONAL

PSP já sabia da intenção de atacar sede do PNR

GRAÇA HENRIQUES

Manifestação pacifista acaba com violência

Um dia antes dos confrontos do 25 de Abril entre a polícia e anarco-libertários no Chiado, em Lisboa, já as autoridades sabiam que os manifestantes pretendiam atacar a sede do Partido Nacional Renovador (PNR) e destruir o cartaz contra a imigração colocado no Marquês de Pombal. Esta é a justificação para o aparato policial que rodeou aquela que se pretendia ser uma concentração pacífica, mas que viria a acabar em conflitos com as forças de segurança. Resultado: cinco polícias e dois manifestantes feridos, onze pessoas detidas e diverso material de agressão apreendido.

Os detidos por vandalismo e agressões (nove homens e duas mulheres com idades compreendidas entre os 20 e os 30 anos) foram ontem libertados com termo de identidade e residência depois de terem sido ouvidas por um juiz de instrução criminal. Florinda Baptista, advogada dos detidos, disse que o inquérito prossegue os seus termos, negando que os clientes tenham praticado actos violentos.

Também José Falcão, do SOS Racismo, acusa as autoridades de provocação e faz questão de alertar para a diferença de tratamento em relação a uma manifestação pacifista como a de há dois dias e a de há um ano que juntou a extrema-direita.

A polícia nega qualquer discriminação, diz que respondeu a agressões e põe em causa os intuits pacifistas dos manifestantes. "Não se vai para uma concentração pacifista com *cocktail* Molotov e a cara tapada", comenta ao DN uma fonte da Polícia de Segurança Pública. Além disso, a PSP sublinha que esta manifestação não estava devidamente autorizada, nem sequer tinha sido comunicada ao Governo Civil de Lisboa.



Diário de Notícias 27-04-2007

De acordo com fontes policiais ouvidas pelo DN, os manifestantes – muitos deles com capuzes e caras tapadas com lenços negros – não estão associados a nenhum dos movimentos anarco-libertários conhecidos. Estão, contudo, identificados como indivíduos antiglobalização e de extrema-esquerda.

Entre a cerca de centena e meia de pessoas que se concentraram no Rossio - já depois do habitual desfile do 25 de Abril na Avenida da Liberdade - viam-se sobretudo jovens, muitos deles *rastas*, outros negros. Empunhavam bandeiras pretas e tarjas contra o racismo onde se liam mensagens como "a nossa pátria é o mundo inteiro". Havia ainda simbologia anarco-libertária, sinais de sentido proibido adaptados com a cruz gamada, a palavra racismo e SS.

Do Rossio à Praça Luís de Camões, segundo um comunicado do comando metropolitano da PSP, "os indivíduos foram arremessando, para montras, interior de estabelecimentos e transeuntes, sacos de plástico com tintas, ao mesmo tempo que faziam *graffiti* em várias paredes".

Depois de uma concentração calma de cerca de 20 minutos no Camões - segundo a polícia e testemunhas ouvidas pelo DN - cerca de 50 pessoas terão gritado que era hora de avançar para a Rua da Prata, para a sede do PNR. Os actos de vandalismo ter-se-ão sucedido. E terá sido já na Rua do Carmo, que agentes da PSP conseguiram agarrar um grupo que *graffitava* paredes "sendo de imediato rodeados pelos restantes indivíduos que, no intuito de impedirem a sua detenção, agrediram os agentes com garrafas, paus e barras de ferro". Já começava a cair a noite, quando chegou ao corpo de intervenção. Foi dada ordem de dispersão "que apenas resultou em mais agressões, agora já com disparos de *very-lights* e a preparação de *cocktails* Molotov". O caso segue agora na justiça.